

Análise Econômica

FLUTUAÇÃO CAMBIAL E METAS INFLACIONÁRIAS EM
ECONOMIAS EMERGENTES
OTAVIANO CANUTO E MÁRCIO HOLLAND

A TEORIA DE FORMAÇÃO DE PREÇOS E A TEORIA DOS PREÇOS DE
PRODUÇÃO
LÓIZ ALBERTO ESTEVES

A ECONOMIA EVOLUCIONISTA: UM CAPÍTULO SISTÊMICO DA
TEORIA ECONÔMICA?
HUGO E. A. DA GAMA CERQUEIRA

RELAÇÃO INFLAÇÃO-PRODUTO NO BRASIL NO PERÍODO PÓS-
REAL
MARCOS C. HOLANDA

DÍVIDA PÚBLICA MOBILIÁRIA FEDERAL BRASILEIRA: HISTÓRIA
RECENTE E PERSPECTIVAS EXPLOSIVAS
ROGERIO MEURER E ROBERT WAYNE SAMOHL

A CEPAL E A INTEGRAÇÃO REGIONAL LATINO-AMERICANA
JACQUELINE A. HERNÁNDEZ HAFNER

POPPER, HAYEK E A (IM)POSSIBILIDADE DE PREDIÇÕES
ESPECÍFICAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS
BRENIA PAULA MAGNO FERNANDEZ

DINÂMICA RECENTE DO PROCESSO DE INCUBAÇÃO DE
EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA NO BRASIL
EDUARDO GONÇALVES

TRIBUTAÇÃO COM SACRIFÍCIO EQUÍTATIVO: O CASO DO
IMPOSTO DE RENDA PESSOA FÍSICA
STEFANO FLORISSI E EDUARDO PONTUAL RIBEIRO

A NOVA TEORIA DO IMPÉRIO E AS VELHAS TEORIAS DO
IMPERIALISMO
GENTIL CORAZZA

Ô ABRE ALAS - A NOVA INSERÇÃO DO BRASIL NA ECONOMIA
MUNDIAL
EMILIANO LUÍS KLEIN

ANO 20

Nº 37

Margo, 2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitora: Prof.ª Wrana Maria Panizzi

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Diretor: Prof. Pedro César Dutra Fonseca

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS

Diretor: Prof. Gentil Corazza

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Chefe: Prof. Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de Miranda

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ATUARIAIS

Chefe: João Marcos Leão da Rocha

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

Coordenador: Prof. Eduardo Pontual Ribeiro

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA RURAL

Coordenador: Prof. Jalcione Almeida

CONSELHO EDITORIAL: Carlos G. A. Mielitz Netto (UFRGS), Eduardo A. Maldonado Filho (UFRGS), Eduardo P. Ribeiro (UFRGS), Eleutério F. S. Prado (USP), Eugênio Lagemann (UFRGS), Fernando Cardim de Carvalho (UFRJ), Fernando Ferrari Filho (UFRGS), Fernando de Holanda Barbosa (FGV/RJ), Flávio Vasconcellos Comim (UFRGS), Gentil Corazza (UFRGS), Giacomo Balbinotto Neto (UFRGS), Gustavo Franco (PUC/RJ), Jan A. Kregel (Università di Bologna e John Hopkins University), João Rogério Sanson (UFSC), Joaquim Pinto de Andrade (UnB), Jorge Paulo Araújo (UFRGS), Juan H. Moldau (USP), Marcelo S. Portugal (UFRGS), Maria Alice Lahorgue (UFRGS), Paul Davidson (University of Tennessee), Paulo Dabdab Waquil (UFRGS), Pedro César Dutra Fonseca (UFRGS), Philip Arestis (South Bank University), Roberto C. Moraes (UFRGS), Ronald Otto Hillbrecht (UFRGS), Sabino da Silva Porto Jr. (UFRGS), Stefano Florissi (UFRGS), Werner Baer (Univ. of Illinois at Urbana-Champaign).

COMISSÃO EDITORIAL: Eduardo Augusto Maldonado Filho, Fernando Ferrari Filho, Gentil Corazza, Marcelo Savino Portugal, Paulo Dabdab Waquil; Roberto Camps Moraes.

EDITOR: Fernando Ferrari Filho

EDITOR ADJUNTO: Gentil Corazza

SECRETÁRIA: Vanessa Hoffmann de Quadros

REVISÃO DE TEXTOS: Vanete Ricacheski

FUNDADOR: Prof. Antônio Carlos Santos Rosa

Os materiais publicados na revista *Análise Econômica* são da exclusiva responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos, desde que seja citada a fonte. Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para divulgação, elaboração de resenhas e resenhas. Toda correspondência, material para publicação (vide normas na terceira capa), assinaturas e permutas devem ser dirigidos ao seguinte destinatário:

PROF. FERNANDO FERRARI FILHO

Revista *Análise Econômica* – Av. João Pessoa, 52

CEP 90040-000 PORTO ALEGRE - RS, BRASIL

Telefones: (051) 316-3348 e 316-3440 – Fax: (051) 316-3990

E-mail: rae@vortex.ufrgs.br

Análise Econômica

Ano 20, nº 37, março, 2002 - Porto Alegre

Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, 2000

Periodicidade semestral, março e setembro.

1. Teoria Econômica - Desenvolvimento Regional -

Economia Agrícola - Pesquisa Teórica e Aplicada -

Periódicos. I. Brasil.

Faculdade de Ciências Econômicas,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CDD 330.05

CDU 33 (81) (05)

A nova teoria do império e as velhas teorias do imperialismo

*Gentil Corazza**

Quando iniciamos a leitura de *Império*¹, onde seus autores nos afirmam que “o Império está se materializando diante de nossos olhos”, parece não termos dúvida do que se trata, pois logo pensamos no seu nome, seu endereço, suas fronteiras, sua história de expansão territorial e de intervenção: os Estados Unidos da América do Norte. Mas os autores em seguida nos alertam de que estamos errados, sua idéia não coincide com a nossa, e estamos confundindo dois fenômenos diferentes, o velho Imperialismo do final do Século XIX até a Primeira Guerra Mundial e o novo Império dos dias atuais. Os autores nos dizem literalmente que “os Estados Unidos não são ...o centro de um novo projeto imperialista” pois, o “imperialismo acabou” e “nenhum país ocupará esta posição de liderança mundial que avançadas nações européias um dia ocuparam”.

A tese dos autores se opõe a duas visões diferentes sobre o que está acontecendo “diante dos nossos olhos”. De um lado, a partir de uma visão crítica, muita gente pensa que os Estados Unidos vestiram o manto do poder global que os velhos imperialistas europeus deixaram cair e vêm repetindo as velhas práticas imperialistas, transformando-se na autoridade imperial definitiva que rege o processo de globalização e a nova ordem mundial. De outro, os simpatizantes da situação atual, vêem nos Estados Unidos o modelo de economia de mercado e de democracia a ser seguido por todos.

“Nossa hipótese básica, entretanto, ... contradiz ambas as teorias, pois ... entendemos império como algo completamente diverso do imperialismo”.

O Imperialismo era, na realidade, uma extensão da soberania dos Estados-nação europeus além de suas fronteiras, pois era no interior dessas fronteiras nacionais que ficava o centro do poder a partir do qual partia o comando da expansão colonial e imperialista que redesenhou e coloriu o mapa da África e da Ásia com as cores das bandeiras européias. A transição para o imperialismo surge do crepúsculo da soberania moderna.

*Economista e Professor da UFRGS. E-mail: gentil@ufrgs.br

¹ *Império*, de Michael Hardt e Antonio Negri, Editora Record, Rio de Janeiro. 2001.

O Império, em contraste com o imperialismo, não estabelece um centro territorial de poder nem se baseia em fronteiras ou barreiras fixas. É o aparelho de descentralização e desterritorialização do capital que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão. As distintas cores nacionais do mapa imperialista do mundo se uniram e se mesclaram num arco-íris imperial global. Com o mercado global, “surgiu uma nova forma de supremacia”; “o império é a substância política que regula esses fluxos globais, o poder supremo que governa o mundo”, é “libertação da economia capitalista de restrições que as forças políticas lhe impunham”. Com o processo de globalização, a soberania dos Estados-Nação tem diminuído, é cada vez menor seu poder de gerir os fluxos de dinheiro, mercadorias, tecnologias e pessoas.

A soberania do Estado-Nação era a pedra angular do Imperialismo que as potências européias construíram na idade moderna. O declínio do Estado-Nação é um dos sintomas primários da chegada do Império, mas o declínio das soberanias nacionais não significa que a soberania como tal esteja em declínio, pois no sistema imperial, “a soberania tomou nova forma, composta de uma serie de organismos nacionais e supranacionais, unidos por uma lógica ou regra única. Esta nova forma global de economia é o que chamamos de Império”.

Por outro lado, esta transição do Imperialismo para o Império significa uma mudança do modo capitalista de produção. Com efeito, o capital se desterritorializa, a produção de mercadorias vem se transformando em produção biopolítica ou em produção da própria vida social, na qual o econômico, o político e o cultural se sobrepõem e completam.

Os autores reconhecem que os Estados Unidos ocupam posições privilegiadas, mas afirmam que esse privilégio não decorre das semelhanças com as antigas potencias imperiais. Ao contrário, a supremacia norte-americana se baseia nos alicerces imperiais (não imperialistas) da Constituição dos Estados Unidos. Com os pais fundadores dessa Nação se inspiraram no antigo modelo imperial, pois acreditaram estar criando do outro lado do Atlântico um novo império, com fronteiras abertas e em expansão, idéia que foi amadurecendo ao longo da historia e agora se transforma em realidade.

Além disso, a idéia de “Império” não é usado como metáfora, à semelhança do império romano ou chinês, mas como conceito, o que exige explicação teórica. Ele se apresenta com características próprias: primeiro, a ausência de fronteiras, ou um poder exercido num espaço

sem fronteiras ou sem limites; segundo, ele não se origina como regime histórico nascido da conquista, mas se afirma como ordem a-histórica, eterna e assume que as coisas são, deveriam ter sido e serão; terceiro, o império governa e domina a vida social como um todo, na forma de um bio-poder; e por último, apesar de estar sempre banhado em sangue, o Império se apresenta como o príncipe da paz – uma paz perpétua e universal.

Da mesma forma como o velho Imperialismo teve seus fundamentos explicitados nas obras de Hobson, Lênin, Rosa Luxemburgo e outros, os autores da nova teoria do Império procuram expor os seus. Uma primeira inspiração vem da idéia de Braudel de que o capitalismo só triunfa quando se identifica com o Estado ou quando é o próprio Estado, ou seja quando assume feição imperial. Outro fundamento reside na nova noção de direito, de ordem jurídica supranacional e não apenas internacional, pois esta tem por base a soberania e o direito nacionais. É com base nesta nova noção de direito e de autoridade que o Império pretende fazer valer normas e resolver conflitos mundiais. Com efeito, estão em curso mudanças na ordem e poder mundiais ou na lei internacional tradicional no sentido de um novo poder soberano e supranacional. Transformações jurídicas que expressam mudanças na constituição material da biopolítica de nossas sociedades.

A nova teoria política do Império prioriza o direito supranacional como fonte de legitimação. Hans Kelsen, no início do século, se perguntava, qual é o poder político mais adequado para uma ordem global e propunha que o sistema jurídico supranacional fosse a fonte suprema do direito nacional. Kelsen se inspirava em Kant e na sua idéia de um Estado Mundial, organizado como comunidade universal, uma espécie de sociedade civil global.

Neste sentido, a soberania imperial não é concebido por analogia ao poder dos Estados Nacionais, pois implica uma mudança de paradigma. Para os autores do “Império”, a globalização ou a tendência à universalização do capitalismo não deve impedir a compreensão das mudanças reais que ocorrem na atualidade. Essa mudança torna claro e possível o atual projeto capitalista de unir o poder econômico e político para fundar uma ordem imperial sem fronteiras e sem poder político nacionais, ou seja uma ordem política adequada à natureza do capital, pois o capital não tem pátria, como já dizia o autor da Riqueza das Nações.

Assim como há dificuldade em compreender as mudanças na economia, também há relutâncias em reconhecer mudanças importantes

nas relações globais de poder. Sem negar linhas de continuidade, deve-se reconhecer a diferença, pois o que era conflito e competição entre potências imperialistas foi substituído pela idéia de um poder único que se sobrepõe as demais potências e os organiza, a partir de uma noção de direito pós-colonial e pós-imperialista.

Em resumo, o Império impõe um concerto global sob um único maestro, um poder unitário que mantém a paz social e produz suas verdades éticas, põe em movimento uma dinâmica ético-política que brota do seu conceito jurídico. No Império se exaure o tempo e a história, pois apresenta sua ardem como ordem necessária e eterna, a paz perpétua garantida por uma “guerra justa” e ética, com direito de intervenção. O Império exerce o biopoder, como forma de poder, que regula a vida social por dentro, uma sociedade controlada por dentro, onde os mecanismos de comando se tornam imanentes ao campo econômico social.

Qual a avaliação crítica da nova teoria do Império?

Antes de tudo, não resta dúvida de que os autores estão falando de uma nova realidade, cujos elementos essenciais podem ser visualizados sem muita dificuldade. Neste sentido, o Império parece ser uma realidade diferente da realidade do Imperialismo. Teixeira² (2000: 11) reforça esta idéia ao afirmar que a comparação não deve ser feita com o Imperialismo do final do século XIX e início do século XX, “mas com Roma: estamos de volta ao Império. Este é o único conceito que permite explicar a natureza das relações que opõem os Estados Unidos ao resto do mundo”.

No entanto, também parece não restar dúvidas sobre a permanência de elementos essenciais do velho Imperialismo. Neste sentido Belluzzo³ aponta na direção de uma realidade que ainda mescla elementos do velho Imperialismo com elementos novos, quando afirma que a “velha questão do imperialismo reaparece, então, sob uma forma muito peculiar, num mundo unipolar em que o poder está voluntariamente concentrado em um só país. O que se esboça ... é a disseminação brutal do modelo político, econômico e cultural americano para o resto do mundo, com um efeito dissolvente sobre as sociedades mais

² Teixeira, A. (2000) “O Império contra-ataca”: notas sobre os fundamentos da atual dominação norte-americana. *Economia e Sociedade*, Campinas, n 15, dezembro, 2000.

³ Belluzzo, L. G. (1997) *Imperialismo na Era da Globalização. A Atualidade de um Velho Refrão*. (Entrevista) *Rumos do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Ano XXI, n. 142. Novembro de 1997.

frágeis e a perda de autonomia por parte dos Estados nacionais”. Como negar “esse exercício brutal e sem disfarces do poder pelos Estados Unidos”?

Uma segunda avaliação crítica às posições dos autores do “Império” diz respeito às formas de luta propostas contra as forças do Império. Com efeito, para eles, os enormes poderes do Império de dominação e destruição não devem inibir a contra-ofensiva das massas, pois, a globalização também oferece novas possibilidades para as forças de libertação. Nem tudo está perdido, pois “as forças da multidão que sustentam o império são capazes de construir o Contra-Império, uma organização política alternativa de fluxos e intercâmbios globais. Na verdade essa luta para contestar e subverter o Império já começou. A multidão terá de inventar novas formas democráticas e novos poderes constituintes que podem nos levar através e além do Império”. As lutas contra o império não estão circunscritas a nenhuma geografia, mas espalhados pelo mundo e se manifestam com muita resistência, amparadas “com os desejos da multidão”.

A nova militância “faz da resistência um contra-poder e da rebelião um projeto de amor”. Não passa despercebido o apelo ao exemplo de São Francisco de Assis: “propondo contra a miséria do poder a alegria do ser. Esta é a revolução que nenhum poder controlará, por que o biopoder e o comunismo, a cooperação e a revolução continuam juntas, em amor, simplicidade e também inocência”.

Sem dúvida, uma luta um tanto sublime e poética contra as forças do Império. Esta parece ser a mensagem final que nos deixam seus autores.